



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades [AT]

O PODER DA INFLUÊNCIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE DE DISCURSO ACERCA DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2010

MORAIS, Edson Elias

Mestre em Ciências Sociais

Universidade Estadual de Londrina

edson_londrina@hotmail.com

Resumo

Esse trabalho analisou como os valores religiosos influenciaram o discurso de um líder evangélico frente a eleição de 2010 em Londrina-PR. Os cristãos tiveram presença relevante nas eleições presidenciais, forçando candidatos a modificarem suas agendas. Utilizamos bibliografias referentes à sociologia das religiões para compreender a influência religiosa na sociedade e como esta é influenciada pelas ideologias políticas desenvolvidas na sociedade capitalista, e a contribuição da teoria da Análise de Discurso na interpretação do pronunciamento do pastor da Igreja Nova Aliança em Londrina-PR. Nosso *corpus* de análise foram o texto e o vídeo de seu pronunciamento em 22/09/2010, disponíveis no *site* da igreja. A partir desta análise percebemos: o posicionamento político do líder religioso se pautou exclusivamente em questões morais e religiosas silenciando problemas sociais coletivos concretos; o interesse na política existe para defender interesses do grupo, o medo é instrumento forte de controle religioso.

Abstract

This study analyzed how the conservative religious values had influence the speech of an evangelical leader in the electoral process of 2010, in Londrina- PR. The Christian religious people had significant presence in the presidential elections in that year, forcing candidates to modify their project schedules. We used different bibliographies on the sociology of religion to comprehend the religious influence in society and how society is influenced by political ideologies developed in capitalist society, and also the contribution of Theory of Discourse Analysis in the interpretation of the pronouncement of the leader of Nova Aliança Church in Londrina-PR. Our corpus of analysis were the written text and the video of his speech, recorded on September 22, 2010, both available at the church's website. From this analysis we could realize that: the political positioning of the religious leader was exclusively based in moral and religious issues; not mentioning collective factual social problems; interest in politics exists to secure interests of the group; fear is a powerful instrument of religious control.

Palavras-chave: Teoria da Análise do Discurso; Política Conservadora; Evangélicos.

Keywords: Theory of Discourse Analysis; Conservative Policy; Evangelicals.

Introdução.

É pública e notória a expansão da religiosidade em solo brasileiro. Isso se confirma a partir das estatísticas do Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) que demonstram o crescimento contínuo dos mais diversificados grupos religiosos¹, e mostram também o aparecimento do grupo classificado na categoria **sem-religião** que no ano 2000 contava com 7,4% da população e em 2010 subiu para 8,4%, totalizando 15.335.510 pessoas, porém não necessariamente todas sem religiosidade.

O crescimento numérico de cristãos, principalmente evangélicos, estimulou o ingresso de religiosos na carreira política brasileira e tem-se tornado cada vez mais expressivo. No processo de pesquisa encontramos a notícia de Dan Martins, colunista do *site Gospel Mais*², afirmando que “mesmo não sendo parte de um único partido político, o grupo [evangélico], que cresceu mais de 50% nas últimas eleições (2010) e tem conseguido algumas vitórias em assuntos que suscitam polêmicas, já é considerado um dos mais influentes do cenário político nacional” (Martins, 2012). Segundo a mesma fonte, a Frente Parlamentar Evangélica é composta por 86 membros divididos entre 14 denominações, que pertencem aos mais variados partidos políticos, ressaltando que esses números se referem apenas à Câmara dos Deputados no pleito de 2010.

Diante desse crescimento, o discurso evangélico se fortalece ainda mais quando associado à bancada católica para lutar contra projetos de lei que, segundo eles, ferem os princípios da moralidade cristã. Sendo assim, é de suma importância analisar os discursos de lideranças religiosas em ano eleitoral sobre as campanhas políticas, uma vez que qualquer membro é cidadão civil e tem obrigatoriedade de votar. De certa forma, o pronunciamento dos líderes evangélicos são norteadores para as tomadas de decisões que, segundo eles, devem sempre ser respaldadas nos princípios cristãos. Assim, este trabalho analisou a prática discursiva religiosa acerca da política brasileira, a partir do pronunciamento oficial do Pr. Davi de Souza, da Igreja Nova Aliança, na cidade de Londrina-PR.

Segundo a história oficial, disponível no *site* da instituição³, a Igreja Nova Aliança foi fundada em 1963 na cidade de Londrina-PR pelo Pr. Samuel de Souza, que pastoreou diversas igrejas em São Paulo. Sua prática religiosa é semelhante à das igrejas pentecostais com forte ênfase na libertação (de demônios) e cura divina. As práticas evangelísticas aconteciam em praças públicas, campos de futebol, teatros e tendas de lona. Além delas, a igreja ainda mantinha um programa de rádio também no intuito da evangelização, chamado de Ecos do Calvário.

Em 1993, o filho do Pr. Samuel, Davi de Souza, assumiu a liderança da igreja em Londrina. Davi - formado em Engenharia Mecânica, Teologia e Doutorado em Ministério⁴- juntamente com seu pai, é membro do *Ministers Fellowship Internacional*⁵, que é uma corporação de líderes evangélicos de igrejas independentes, com sede nos EUA, que comungam de uma mesma visão.

No decênio de 2000, iniciaram uma reforma de ampliação do templo com características de mega igreja, à semelhança das grandes igrejas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A Igreja Nova Aliança conta com uma média de três mil membros, cuja maioria é transferida de outras igrejas evangélicas. A partir de 1998, o Pr. Davi de Souza introduziu o projeto Igreja em Células⁶, que promoveu grande crescimento numérico.

Ao longo da pesquisa de campo foi possível descrever que os cultos e o estilo *gospel* compõem os seguintes aspectos: ênfase nas manifestações do Espírito Santo, curas emocionais, apreço pelo êxtase ao som de canções melódicas e efeitos de luzes e penumbra durante o louvor. Com essas características, a Igreja atrai grande quantidade de pessoas e desperta a curiosidade de outras tantas, quando fazem comparação com suas igrejas, muitas vezes com músicos menos preparados e qualidade de som precária, ou mesmo com um estilo de celebração mais tradicional.

Segundo a tipologia de Ricardo Mariano, podemos classificar esta igreja como “deuteropentecostal” ou igreja de “segunda onda”, considerando seus primeiros anos de atuação. Ele afirma que o “deuteropentecostalismo” se desenvolveu particularmente a partir da década de 1950 na cidade de São Paulo, e utilizava meios de comunicação de massa, ênfase nas curas divinas, apelo à expressividade emocional e evangelização itinerante (praças, estádio de futebol, teatros, tendas etc.) (Mariano, 2010, p. 34), aspectos

ressaltados pela própria instituição em seu *site*. Atualmente, as práticas estão mais próximas da chamada “cultura *Gospel*”, talvez influenciadas pelo *Ministers Fellowship Internacional*.

Nosso *corpus* de análise foi o texto escrito e o vídeo de seu pronunciamento sobre “*visão e posicionamento do Presbitério da Igreja Nova Aliança de Londrina*”, feito no dia 22 de setembro de 2010⁷. Como teoria e método de análise recorreremos a bibliografia referente à sociologia das religiões e à teoria da Análise de Discurso francesa para interpretar o pronunciamento. Temos como *questão* a reprodução - legitimada pelo discurso bíblico-teológico - do conservadorismo cultural e político fixado em questões da moral judaico-cristã numa versão evangélica contemporânea.

A religião e as religiosidades do ponto de vista sociológico.

As Ciências Sociais compreendem que o conhecimento, os valores e as instituições religiosas são frutos dos contextos históricos e sociais sujeitas às suas dinâmicas. Todavia, as lideranças religiosas também são agentes dessa dinâmica, pois estimulam inércias ou mudanças sociais e políticas, uma vez que sugerem aos adeptos certo tipo de comportamento social.

A partir deste pressuposto, se faz necessário compreender a religião e as religiosidades a partir das relações sociais concretas, não apenas em seu aspecto fenomênico, numa tentativa de definição genérica da religião e suas expressões. É de fundamental importância analisar como a religião e as religiosidades relacionam-se com os mais diversificados setores da sociedade, principalmente nas estruturas de poder.

Em *A Economia das Trocas Simbólicas* (2004), Pierre Bourdieu chama atenção para a análise estrutural-funcionalista de Durkheim e afirma que ele trata a religião como um sistema linguístico, possuindo a função de comunicação, bem como um instrumento de conhecimento, dessa forma tornando a sociologia da religião uma dimensão da sociologia do conhecimento (Bourdieu, 2004, p. 28). Bourdieu afirma que essa metodologia tem a “propensão de deixar de lado ao menos a título provisório a questão das funções econômicas e sociais dos sistemas míticos, rituais e religiosos submetidos à análise” (Bourdieu, 2004, p.29).

Mediante a crítica de Bourdieu percebemos essa relação, pois a economia, a política e a religião são formas imbricadas de poder. Sobre isso, o referido autor afirmou que

Estas “funções sociais” tendem sempre a se transformarem em funções políticas na medida em que a função lógica de ordenamento do mundo que o mito preenchia de maneira socialmente indiferenciada operando uma *diacrisis* ao mesmo tempo arbitrária e sistemática no universo das coisas, subordina-se às funções socialmente diferenciadas de diferenciação social e de legitimação das diferenças, ou seja, na medida em que as divisões efetuadas pela ideologia religiosa vêm recobrir (no duplo sentido do termo) as divisões sociais em grupos ou classes concorrentes ou antagonicas (Bourdieu, 2004, p. 30, grifo do autor).

Sendo a religião um fenômeno estruturado, mas também estruturante da realidade social (Conf. Bourdieu, 2000, p. 9), é possível perceber como se dá o processo de reprodução ou ruptura social a partir das orientações das lideranças religiosas e das práticas dos fiéis em uma comunidade local.

Por conseguinte, o discurso do líder religioso não será analisado como transmissor de informações, com simples caráter **explicativo**, mas como já afirmou Otto Maduro (1983, p. 44), como fenômeno social que possui relações com o ambiente e está situado no tempo e espaço, influenciando e sendo influenciado. Para ratificar essa afirmação utilizamos a sua contribuição

Uma definição sociológica da religião é uma definição da **religião enquanto é parte da dinâmica social, influi sobre ela e dela recebe um impacto decisivo**. Uma definição sociológica da religião é uma definição da religião como fenômeno social, **fenômeno social imerso numa complexa e movimentada rede de relações sociais** (Maduro, 1983, p. 41, grifo nosso).

Isso porque “o texto não é considerado como evidência, pois para a AD [Análise de Discurso] a linguagem não é mera comunicação e a língua tampouco transparência” (Cesario; Almeida, 2009, p.200). Dessa maneira, podemos afirmar que a religião não é apenas um fenômeno individual separado das relações sociais, mas está entrelaçada na rede de interesses e conflitos sociais, estabelecendo conexão com lutas de classes e ideologias.

No contexto do século XIX, a religião fora criticada como “ópio do povo” por Karl Marx (1843)⁸, pelo fato desta colaborar com os mecanismos de dominação social, e assim, fortalecer o modelo de sociedade capitalista, tornando o povo religioso “domesticado” (Bourdieu, 2004, p. 32), distante de uma possível revolução social; um povo que aceita de bom grado o processo de exploração, sem reivindicar politicamente transformações econômicas e sociais radicais. Antes, a religião (Cristã) ensina que o fiel deve orar pelos governantes e se dedicar ao trabalho e uma vida regrada (moral) como aspetos determinantes do bom religioso, portanto, se preocupando apenas com sua vida ascética e piedosa, deixando as questões seculares de lado, sem que estas venham interferir na vida religiosa. Nesse sentido, é legítima a compreensão de que a religião é um instrumento de conservação da ordem, e sobre isso, Bourdieu afirma:

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados” (Bourdieu, 2004, p. 32, grifo do autor).

Percebemos então que a religião é ou pode se tornar um instrumento de legitimação de poder e dominação ao desestimular uma postura politicamente crítica e revolucionária da ordem social, e também ocultar (consciente ou inconscientemente) as verdadeiras causas da dinâmica social e seus conflitos, atribuindo tão-somente às explicações religiosas, de caráter moral.

Nesse sentido é que se torna importante a análise do real envolvimento político que a religião tem desempenhado no meio social ou na constituição do sistema cultural. Ou, nas palavras de Bourdieu

Basta reformular a questão posta por Durkheim a respeito das “funções sociais” que a religião cumpre em favor do “corpo social” como um todo em termos da questão das *funções políticas* que a religião cumpre em favor das diferentes classes sociais de uma determinada formação social, em virtude de sua eficácia propriamente simbólica (Bourdieu, 2004, p. 33, grifo do autor).

Outrora dissemos que a religião não é apenas um fenômeno individual, mas que está imerso em uma rede de relações sociais e culturais; contudo podemos afirmar que a religião não se define apenas como instituição política e social, mas também como um fenômeno “antropológico existencial” (Bauman, 1998, p. 209), que confere ao ser humano sentido existencial e social por meio dos ritos e símbolos. Dessa maneira, entendemos que a religião se manifesta no âmbito privado e também no público, pois a forma que o indivíduo se percebe no mundo será sua forma de ação nesse mundo; assim também, a forma como percebe o outro determinará as relações com este outro.

Desta forma, a religião, do ponto de vista sociológico, é compreendida como um fenômeno social dinâmico e plural, que influencia e é também influenciada pela estrutura sociocultural. Em nosso caso, uma sociedade de classes sociais e interesses hegemônicos, na qual a religião não é isenta destas influências. Portanto, cabe à sociologia das religiões investigar que posturas políticas os grupos religiosos tomam frente aos dilemas cotidianos. Respondendo, desta maneira, a orientação de Bourdieu sobre as “funções políticas” dos referidos grupos.

A análise de discurso e a interpretação da ideologia.

Para podermos interpretar cientificamente e compreender os efeitos de sentido que um pronunciamento pastoral pode promover em seus membros, tomaremos a teoria da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, que busca investigar os efeitos de sentido e a relação que o discurso tem com a política, especialmente a AD de Michel Pêcheux, que tem por fundamento as categorias de “sujeito” e de “ideologia”, porque para a AD o que interessa não é “o que significa”, mas “como significa” (Conf. Orlandi, 1999, p. 17).

Dessa forma, o **discurso** será nosso objeto de análise, pois este não é somente uma transmissão de informações, como afirmam as teorias tradicionais da comunicação, apenas um esquema constituído de emissor, receptor e códigos. Segundo Eni P. Orlandi (1999), o discurso não é mera mensagem em si, mas o efeito que ela causa entre os locutores. Ainda afirma que o discurso é a materialidade específica da ideologia, e a materialidade específica do discurso é a língua. Ou como afirma Michel Pêcheux: “não há

discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Apud Orlandi, 1999, p. 17).

O discurso não é simplesmente troca de signos de comunicação, porque

[...] no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar (ORLANDI, 1999, p. 21).

Esse argumento de Orlandi se justifica, pois para a AD o discurso é o processo de movimento do enunciado e os efeitos de sentido. As palavras possuem cargas significativas, portanto, a interpretação não é única. Ela é manifestada desde a enunciação até a recepção pelo ouvinte, mas afirma Orlandi: “não existe linearidade entre emissor e receptor” (1999, p. 21), isto é, os efeitos de sentido são assegurados pela ideologia dominante. Assim, todo discurso possui uma ideologia que interpela o indivíduo em sujeito, conforme a contribuição de Louis Althusser (1983).

Davi de Souza é o sujeito da interpretação e do discurso acerca do voto nas eleições de 2010 para presidente e, no entanto, se apresenta como representante de Deus, pois afirma que vai “*comunicar com precisão aquilo que Deus tem colocado em nosso coração*”. Aqui se estabelece um local importante para a **condição de produção** do discurso, que é de suma importância para o efeito de sentido e de assujeitamento dos ouvintes, que por sua vez, são líderes de células e ministérios; e estes, posteriormente, repassarão as informações e ideologias ao restante da comunidade formada em células.

A **condição de produção** tem como contexto imediato a reunião de líderes, ministrada pelo pastor titular da igreja, que possui autoridade legitimada pelo sacerdócio e pela representação do Sagrado, como ordenamento divino. Logo, sua mensagem, na verdade, torna-se uma mensagem sagrada e, como tal, inquestionável.

O pronunciamento foi previamente escrito, com interpolações durante a fala que serviram para reafirmar os argumentos. Se fora ou não escrito pelo próprio pastor não tem relevância, pois uma vez pronunciada por ele, tornou-se apropriação dele. Durante o pronunciamento fora pedido que houvesse a repetição de algumas frases de efeito e versículos Bíblicos por parte dos ouvintes, como forma de ratificação e concordância ao discurso, como por exemplo:

[Gostaria que você lesse comigo nessa noite, todos bem forte. Pv. 29:2, vamos lá]⁹: ‘Quando os justos governam, o povo vive feliz; porém quando um homem mau domina, o povo sofre’; ‘Os pecados da nossa nação precisam ser encarados como os ‘nossos pecados’ [diga comigo: os nossos pecados]’; ‘[eu quero que você diga para alguém do seu lado: ‘exerça o poder que Deus já colocou em suas mãos’, diga para alguém do seu lado: ‘não se abstenha, não se omita’]’; ‘[diga para alguém: ‘informe-se’ e diga: ‘faça isso em nome de Jesus’. Amém? Você tem o direito de fazer isso].

O efeito de sentido dessa repetição funciona como processo de apropriação e confirmação do discurso proferido. Com essas repetições, tanto por parte do emissor, quanto por parte dos receptores, verificamos o processo de **interpelação** promovida pela ideologia. Isto é, no momento em que o líder religioso convoca os ouvintes a pronunciarem com suas próprias vozes as frases já produzidas por ele mesmo, torna-se **evidente** para os ouvintes o seu papel de ação, ou seja, passam de indivíduos a “sujeitos assujeitados”. Tomando a contribuição de Althusser em seu livro: Aparelhos Ideológicos de Estado, ele afirma que

O sujeito, portanto atua enquanto agente do seguinte sistema (enunciado em sua ordem de determinação real): a ideologia existente em um aparelho ideológico matéria, que prescreve práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas essas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença [...] E enunciamos duas teses simultâneas: 1. Só há prática através de e sob uma ideologia; 2. Só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. (Althusser, 1983, p. 92-93).

No que se refere ao **contexto amplo**, temos por interesse a conjuntura socio-histórica. O pronunciamento acontece a menos de um mês para as eleições presidenciais de 2010, processo de sufrágio em uma

democracia representativa, regime político reconquistado com muitas lutas por um período de vinte e um anos de Ditadura Militar pelo qual o Brasil passou no período de 1964-1985.

Em 1988 aconteceu a Assembleia Constituinte, após o processo de redemocratização para promulgar uma nova Constituição Federal e o restabelecimento do sufrágio universal, além dos Direitos Fundamentais.

Em 1989 houve o início dos processos eleitorais democráticos por eleição por votação direta. Nesse ano houve a maior disputa de partidos políticos para presidência da república, totalizando o número de vinte e dois candidatos oficiais, sendo eleito presidente da República Fernando Collor (PRN) e, Lula (PT) ficando em segundo lugar. Os novos pleitos eleitorais ocorreram nos anos de 1994, 1998, 2002, 2006 e 2010, e nesse último temos os aspectos relacionados nesse trabalho.

Em 2010, três partidos despontavam no período eleitoral, eram eles: PT, com Dilma Rousseff, PSDB com José Serra e PV com Marina Silva. Outros partidos que concorreram à presidência, mas com baixa expressividade foram: PRTB (Levy Fidelix), PSDC (José Maria Eymael), PSTU (Zé Maria de Almeida), PCB (Ivan Pinheiro), PCO (Rui Costa Pimenta) e PSOL (Plínio de Arruda Sampaio). Podemos dizer que a disputa estava acirrada, especificamente para os três primeiros.

Durante todo o período eleitoral, Dilma Rousseff liderou as pesquisas, e isso apontava mais um mandato do PT no governo, isto é, doze anos do partido de esquerda no governo brasileiro. O PSDB com José Serra, segundo lugar em todo o período, investiu de várias maneiras para denegrir a pessoa de Dilma e de seu partido. E não esteve só, houve um movimento de igrejas cristãs (católicos e evangélicos) que se mobilizaram no intuito de disseminar medo e rejeição contra Dilma. Circularam na *internet e-mails* argumentando que o vice-presidente de Dilma, Michel Temer (PMDB), tinha pacto com o Satanás e que Dilma escondia uma doença terminal, logo seria, obviamente, substituída por seu vice, e com isso, um “pactuado com Diabo” governaria o país.

Por meio do interdiscurso, podemos recorrer à história e perceber discursos semelhantes, o já-dito que afeta ou reforça outros discursos. Orlandi afirma que

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva. O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (Orlandi, 1999, p. 31).

A partir desta teoria, recorremos à história da política brasileira e encontramos nas eleições de 1989, quando Lula fora chamado de comunista e, segundo o senso comum da época imposto pelos opositores: casas, carros e bens, em geral, seriam obrigatoriamente divididos com todas as pessoas, não haveria mais propriedade privada. Isto é, uma ideologia no sentido marxista de inversão e ocultamento da realidade, pois tais casos não faziam e não fazem parte da política comunista. Nas eleições de 2002, nos horários eleitorais, a atriz Regina Duarte, da Rede Globo, aparecia dizendo: “*tô com medo, faz tempo que não tinha esse sentimento*”, se referindo à possibilidade de Lula ganhar a eleição, e defendendo a candidatura de José Serra¹⁰.

O **interdiscurso** é marcado pelo esquecimento, conforme explica Orlandi (1999, p. 34). E o esquecimento que identificamos no pronunciamento do Pr. Davi é **esquecimento ideológico**, que é “da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade retomamos sentidos preexistentes” (Orlandi, 1999, p. 35). O “esquecimento” se manifesta quando afirma:

[eu vou fazer a leitura de um material que nós elaboramos]; Nos últimos meses surgiu um movimento no meio cristão em todo o Brasil, envolvendo as igrejas Evangélica e Católica, relacionado ao momento político que o país vive e às leis já citadas. Alguns pastores e também padres têm manifestado publicamente sua posição orientado as pessoas a não agirem passivamente nesse momento da nossa história.

O discurso se apresenta como um movimento atual, único e específico sem nenhuma relação com o passado de luta contra o partido de esquerda. Enquanto que nas eleições de 1989 o principal argumento contra o Partido dos Trabalhadores era o **medo** referente ao comunismo e suas consequências, agora o **medo** é criado sob bases religiosas do **pecado e julgamento divino** envolvendo projetos de lei defendidos e/ou criado pelo PT e outros partidos aliados.

A estrutura do texto é composta por uma introdução com referência às possíveis influências que o resultado das eleições pode ocasionar na vida e prática cristãs. Em seguida, uma rápida apresentação dos projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional e suas principais consequências “*iníquas*”, “*que fere a moralidade e afronta os princípios da Palavra de Deus*”:

- PL 299/99: *Altera o código brasileiro de comunicações (Lei 4.117/62). Se aprovada essa lei reduzirá os programas evangélicos no rádio e na televisão a no máximo uma hora por dia.*
- PL 952/03: *Estabelece como crime atos religiosos que sejam considerados “abusivos” contra a boa-fé das pessoas. Se aprovada, dependendo do número de reclamações, pastores poderão ser considerados “criminosos” por pregarem, por exemplo, sobre dízimos e ofertas.*
- PL 3.331/04: *Altera o artigo 12o. da Lei 9.250/95, que trata da legislação do imposto de renda. Se aprovado, as igrejas serão obrigadas a recolher impostos sobre dízimos, ofertas e contribuições voluntárias.*
- PL 6.398/05: *Regulamenta a profissão de Jornalista. Contém artigos estabelecendo que só poderão fazer programas de rádio e televisão, pessoas com formação em jornalismo. Se aprovado, pastores ou pessoas sem essa formação não poderão fazer programas através desses meios (grifos do autor).*

Logo após, apresenta a “*visão Bíblica*” expondo referências Bíblicas que tratam sobre o **pecado e arrependimento**, além das estórias do dilúvio e de Sodoma e Gomorra. Depois aborda sobre o “*papel da Igreja*” e suas “*responsabilidades*”. Enquanto papel da Igreja entende-se que

É por meio da Igreja que Deus manifesta a Sua vontade na terra [quem crê, diga amém]. Ela foi chamada e estabelecida por Ele para ser ‘sal e luz’ e para que os homens [todos os homens] vejam as obras de Deus [na face da terra] (Mt 5:14-16).

E enquanto responsabilidades, são apresentadas especificamente duas: arrepender-se pelo pecado da nação e “*posicionar-se corretamente*”, isso significa votar em candidatos que não estão vinculados aos referidos projetos de lei, e não votar em candidatos que defendem tais projetos “*que fere a moralidade e afronta os princípios de Deus*”.

A formação discursiva presente nesse texto se dá pela relação entre pecados “*da nação*” e ação da igreja como manifestação da vontade de Deus. Esta ação aparece como religiosa e prática. Enquanto religiosa, assume-se os pecados da nação e confessa-os, portanto, arrependimento pela nação. Enquanto prática, não votar em candidatos que defendem leis que ferem a moral cristã. O discurso presente é de que os cristãos (os membros da Igreja Nova Aliança) têm a responsabilidade de salvar a nação brasileira da iniquidade que provoca o juízo de Deus, isso porque

as Escrituras afirmam que quando o pecado não é tratado como tal, a iniquidade se multiplica. O apóstolo Paulo declara em Efésios 5:6 que a ira de Deus se manifesta sobre os “filhos da desobediência”. Entenda-se “Ira de Deus” como o zelo de um Deus amoroso, Puro e Santo, cuja natureza jamais pode conviver com o pecado.

O enunciado possui algumas contradições, isso porque a linguagem não está isenta de equívocos e falhas, contudo, algumas contradições são propositais, pois proporcionam efeitos de sentido desejáveis. No pronunciamento o Pr. Davi afirma:

O apóstolo Paulo declara em Efésios 5:6 que a ira de Deus se manifesta sobre os “filhos da desobediência”. Entenda-se “Ira de Deus” como o zelo de um Deus amoroso, Puro e Santo, cuja natureza jamais pode conviver com o pecado. Logo abaixo ele diz: “Como cidadãos brasileiros, amamos o nosso país e não queremos ver a [a nossa nação debaixo do julgo do nosso Deus] ~~mesma coisa acontecer~~”¹¹.

“Zelo de um Deus amoroso” tem a conotação de cuidado, proteção, compaixão, é uma forma de advogar a figura paternal e amorosa de Deus. No entanto, na segunda frase é afirmado um Deus que julga, condena e que possui um julgo pesado. A parte omitida no discurso (“*mesma coisa acontecer*”) se refere ao dilúvio que segundo o texto bíblico destruiu a Terra, sobrevivendo somente Noé e sua família e os casais de animais que entraram na arca, e também a destruição de Sodoma e Gomorra com fogo e enxofre. Assim, ora Deus é apresentado como bondoso e amoroso, ora é apresentado como vingativo e destruidor.

Em outro momento ele afirma acerca da não indução dos fiéis acerca da votação e diz:

Entendermos que não é papel da Igreja fazer campanha ou induzir os fiéis a votarem neste ou naquele candidato. Porém sabemos que parte da nossa missão é abrir os olhos do rebanho quanto a determinadas ameaças que o sistema do mundo nos oferece. Não se trata de promover a “satanização” desse ou daquele partido [como muitos estão dizendo, declarando sobre o movimento cristão que está acontecendo nos meios de comunicação, na internet] ou candidato, mas de ocupar o espaço que a democracia nos oferece como cidadãos, assumindo uma postura definida e clara contra aquilo que o atual governo tem proposto através do Programa Nacional dos Direitos Humanos (PNDH-3), (Grifo nosso).

Ao que se refere “*não é papel da Igreja fazer campanha ou induzir os fiéis a votarem neste ou naquele candidato*”, é contraditório com toda a lógica argumentativa do discurso, pois não acontece a indicação para quem se deve votar, mas é explícita a indicação em quem **não** votar, no caso, em Dilma e qualquer candidato do PT, pois ele afirma:

*Sabemos que todos os partidos, sem exceção, possuem políticos e candidatos declaradamente favoráveis a tais propostas [leis iníquas: casamento de homossexuais, criminalização da homofobia, retirada de símbolos cristãos de departamentos públicos, pagamento de impostos por parte das igrejas etc.], [gostaria que você prestasse atenção nisso] porém o **único** que abertamente fechou questão sobre esses assuntos foi o **Partido dos Trabalhadores (PT)**. Trata-se, portanto, de um **posicionamento ideológico, com o qual não podemos [e não vamos] compactuar**. (grifo nosso).*

Quando ele afirma que “*Não se trata de promover a ‘satanização’ desse ou daquele partido [como muitos estão dizendo, declarando sobre o movimento cristão que está acontecendo nos meios de comunicação, na internet] ou candidato*”, torna-se contraditório com a postura maniqueísta que se faz presente no discurso ao iniciar com o versículo bíblico: “Quando os justos governam, o povo vive feliz; porém quando um homem mau domina, o povo sofre” (Provérbios 29:2). Que define como “homem mau” aqueles que estão de acordo com as leis iníquas e que dessa forma provocam o julgamento divino e a destruição da nação como fez com Sodoma e Gomorra.

No pleito de 2010, os três partidos entre os quais havia concorrência direta eram: PT, PSDB e PV. Assim, não votar no PT, sobriaria apenas o PSDB e o PV como possíveis escolhas. Mas o mais importante a se destacar é que José Serra se mostrou como um exímio cristão católico, frequentando missas constantemente e se fazendo ser fotografado e filmado, além de se posicionar abertamente contra a descriminalização do aborto (uma das leis “*iníquas*”).

Outra “*lei iniqua*” é o que ele chamou de “*lei da mordaça*” que segundo a interpretação do “*movimento de cristãos*” se refere a

PL 122/06: Mais conhecido como ‘Lei da Mordaça’, pretende tornar criminosa e penalizar severamente qualquer tipo de manifestação que caracterize “discriminação” contra a prática da homossexualidade. Se aprovada, o projeto atentará contra a liberdade de expressão garantida a todo cidadão pela nossa Constituição. Na prática tal projeto imporá sobre as igrejas a aprovação e realização, por exemplo, de solenidades como o casamento entre homem/homem e mulher/mulher [entre homossexuais].

Assim, o referido líder religioso tem por interesse a liberdade de manifestar sua postura contra o casamento e direitos dos homossexuais, além de ser o detentor de uma verdade inspirada divinamente em favor da **família e bons costumes** e que não “*agrida a moral e os princípios divinos*”. Sobre isso Michel Foucault afirma que

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 2010, p.10).

Assim, toda manifestação e argumentação estão referidas a possessão da liberdade e do discurso, ou seja, o poder ideológico em um aparelho de Estado, a Igreja/religião. Mas, para isso, é necessário que representantes eleitos defendam tais posturas e não permitam a aprovação da legislação que supostamente bloqueia a manutenção do discurso moralista.

Em momento algum fora pronunciado sobre as relações de igualdade/desigualdade, justiça/injustiça e liberdade/opressão/exploração desta “nação”. Houve um silenciamento absoluto das formas de opressão e exploração, de políticas públicas no que concerne a educação, saúde, trabalho e renda. Logo, todo o aparato ideológico acerca de uma postura política se dá pela moral judaico-cristã de uma tradição conservadora, pois nem todas as correntes teológicas do cristianismo se posicionam desta maneira e tem as mesmas interpretações dos textos Bíblicos citados.

Considerações finais

A partir desse discurso religioso fica explícito que o mais importante para uma ala da igreja evangélica não são as relações sociais materiais, mas a defesa de uma ideologia baseada em uma determinada interpretação bíblica no simples campo da moral, isto é, a defesa de interesses corporativos. Outra observação que podemos citar mediante esta análise é que o discurso do líder religioso não está isento dos pressupostos ideológicos da política conservadora, pois as relações de produção capitalista, trabalho precarizado, mercado especulativo altamente destruidor da economia de uma nação, não são questionados, sendo esta uma das bases do **neoliberalismo**. O suposto que está por trás dessa ideologia é que basta os homens viverem honestamente, baseados nos valores da família e dos bons-costumes cristãos, que Deus ira honrar e os problemas serão resolvidos.

Para conseguir seus objetivos, o pastor utiliza-se do **medo** como um instrumento fundamental de controle e manipulação. Nesse caso, o medo foi estimulado de duas formas, primeiro o medo do julgamento de Deus: “*pode destruir nossa nação*”, caso as “*leis iníquas*” sejam efetivadas. O segundo está na dita “*Lei da mordaca*” que irá silenciar os líderes religiosos, sob pena de prisão, que se manifestarem contra casamentos do mesmo sexo e condenação do aborto. Desta forma a articulação política se apresenta como instrumento para manter o poder e controle da vida e dos corpos.

Desta forma, a figura de um líder religioso é de suma importância para o processo político, pois ele influencia nas subjetividades, (re)formando a consciência individual e social, a qual implicará diretamente na cosmovisão dos indivíduos em suas práticas religiosas e políticas, ou seja, sua relação com o Sagrado e também com as instituições sociais.

Referências Bibliográficas

- Althusser, Louis (1983). *Aparelhos Ideológicos de Estado*: Nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Bauman, Zygmunt (1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR.
- Bourdieu, Pierre (2004). *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5. Ed. Coleção Estudos, São Paulo, SP: Perspectiva.

Cesario, Ana Cleide C. & Almeida, Ana Maria C (2009). Memória da ocupação de uma região na voz do jornal “Paraná-Norte”. In: Katuta, Ângela M. (ORG) (pp. 199-214). *Geografia e mídia impressa*. Londrina, PR: Moriá.

Foucault, Michel (2010). *A ordem do discurso*. 20. Ed. São Paulo, SP: Loyola.

Maduro, Otto (1983). *Religião e Luta de Classes*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mariano, Ricardo (2010). *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo brasileiro*. 3. Ed. São Paulo, SP: Loyola.

Orlandi, Eni P. (1999). *Análise de Discurso: princípios e procedimento*. Campinas, SP: Pontes.

¹ Os dados do Censo de 2010 indicam que houve crescimento entre os evangélicos, passando de 15,4% para 22,16%, totalizando um número de 42.275.440 pessoas.

² Site de notícias do mundo evangélico: <http://gospelmais.com.br/>. Acessado em: 05 abr. 2012.

³ www.inabrazil.org.

⁴ O curso de Teologia e o Doutorado em Ministério foram cursados na Faculdade Teológica Sul Americana. Esta faculdade é interdenominacional, adota o **Pacto de Lausanne** como referencial doutrinário, e a **Teologia da Missão Integral** como referencial teológico. O Doutorado em Ministério que é citado em sua apresentação, na verdade é um curso de pós-graduação lato sensu. Este curso vem das faculdades teológicas norte-americanas, válido apenas em ambiente intra-eclesiástico.

⁵ Veja em <http://www.mfi-online.org/>.

⁶ “Igrejas em células” é uma forma mais ou menos recente de administração e organização da igreja, constitui-se uma hierarquia, onde o pastor titular é o principal líder e, abaixo dele toda uma sequência de lideranças no intuito de “pastorear” a todos.

⁷ Ambos estão disponíveis no site da Comunidade: http://inabrazil.org/artigos/2010/9/politica--eleicoes-2010_1213.html.

⁸ Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/index.htm>. Acesso em: 15/11/2011.

⁹ Frases entre colchetes são as interpolações que não se fazem presente no texto escrito, mas apareceram durante o pronunciamento falado.

¹⁰ Veja a pronúncia na íntegra em: <http://www.youtube.com/watch?v=DEeNSkXn5mY>. Acesso em 08/04/ 2012.

¹¹ As palavras tachadas se referem ao texto escrito, mas silenciado durante o pronunciamento verbal.